

Filosofia Medieval

Coleção XVI Encontro ANPOF

Organizadores

Marcelo Carvalho
Carlos Eduardo Oliveira
Marco Aurélio Oliveira da Silva
Roberto Hofmeister Pich



ANPOF

ANPOF - Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia

Diretoria 2015-2016

Marcelo Carvalho (UNIFESP)
Adriano N. Brito (UNISINOS)
Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros (USP)
Antônio Carlos dos Santos (UFS)
André da Silva Porto (UFG)
Ernani Pinheiro Chaves (UFPA)
Maria Isabel de Magalhães Papaterra Limongi (UPFR)
Marcelo Pimenta Marques (UFMG)
Edgar da Rocha Marques (UERJ)
Lia Levy (UFRGS)

Diretoria 2013-2014

Marcelo Carvalho (UNIFESP)
Adriano N. Brito (UNISINOS)
Ethel Rocha (UFRJ)
Gabriel Pancera (UFMG)
Hélder Carvalho (UFPI)
Lia Levy (UFRGS)
Érico Andrade (UFPE)
Delamar V. Dutra (UFSC)

Equipe de Produção

Daniela Gonçalves
Fernando Lopes de Aquino

Diagramação e produção gráfica

Maria Zélia Firmino de Sá

Capa

Cristiano Freitas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F487 Filosofia medieval / Organizadores Marcelo Carvalho, Roberto Hofmeister Pich, Marco Aurélio Oliveira da Silva, Carlos Eduardo Oliveira. São Paulo : ANPOF, 2015.
450 p. – (Coleção XVI Encontro ANPOF)

Bibliografia
ISBN 978-85-88072-28-2

1. Filosofia medieval I. Carvalho, Marcelo II. Pich, Roberto Hofmeister III. Silva, Marco Aurélio Oliveira da IV. Oliveira, Carlos Eduardo V. Série

CDD 100

COLEÇÃO ANPOF XVI ENCONTRO

Comitê Científico da Coleção: Coordenadores de GT da ANPOF

Alexandre de Oliveira Torres Carrasco (UNIFESP)

André Medina Carone (UNIFESP)

Antônio Carlos dos Santos (UFS)

Bruno Guimarães (UFOP)

Carlos Eduardo Oliveira (USP)

Carlos Tourinho (UFF)

Cecília Cintra Cavaleiro de Macedo (UNIFESP)

Celso Braidá (UFSC)

Christian Hamm (UFSM)

Claudemir Roque Tossato (UNIFESP)

Cláudia Murta (UFES)

Cláudio R. C. Leivas (UFPel)

Emanuel Angelo da Rocha Fragoso (UECE)

Daniel Nascimento (UFF)

Déborah Danowski (PUC-RJ)

Dirce Eleonora Nigro Solis (UERJ)

Dirk Greimann (UFF)

Edgar Lyra (PUC-RJ)

Emerson Carlos Valcarenghi (UnB)

Enéias Júnior Forlin (UNICAMP)

Fátima Regina Rodrigues Évora (UNICAMP)

Gabriel José Corrêa Mograbi (UFMT)

Gabriele Cornelli (UnB)

Gisele Amaral (UFRN)

Guilherme Castelo Branco (UFRJ)

Horacio Luján Martínez (PUC-PR)

Jacira de Freitas (UNIFESP)

Jadir Antunes (UNIOESTE)

Jarlee Oliveira Silva Salviano (UFBA)

Jelson Roberto de Oliveira (PUCPR)

João Carlos Salles Pires da Silva (UFBA)

Jonas Gonçalves Coelho (UNESP)

José Benedito de Almeida Junior (UFU)

José Pinheiro Pertille (UFRGS)
Jovino Pizzi (UFPEl)
Juvenal Savian Filho (UNIFESP)
Leonardo Alves Vieira (UFMG)
Lucas Angioni (UNICAMP)
Luís César Guimarães Oliva (USP)
Luiz Antonio Alves Eva (UFPR)
Luiz Henrique Lopes dos Santos (USP)
Luiz Rohden (UNISINOS)
Marcelo Esteban Coniglio (UNICAMP)
Marco Aurélio Oliveira da Silva (UFBA)
Maria Aparecida Montenegro (UFC)
Maria Constança Peres Pissarra (PUC-SP)
Maria Cristina Theobaldo (UFMT)
Marilena Chauí (USP)
Mauro Castelo Branco de Moura (UFBA)
Milton Meira do Nascimento (USP)
Osvaldo Pessoa Jr. (USP)
Paulo Ghiraldelli Jr (UFFRJ)
Paulo Sérgio de Jesus Costa (UFSM)
Rafael Haddock-Lobo (PPGF-UFRJ)
Ricardo Bins di Napoli (UFSM)
Ricardo Pereira Tassinari (UNESP)
Roberto Hofmeister Pich (PUC-RS)
Sandro Kobol Fornazari (UNIFESP)
Thadeu Weber (PUCRS)
Wilson Antonio Frezzatti Jr. (UNIOESTE)

Apresentação da Coleção XVI Encontro Nacional ANPOF

A publicação dos 24 volumes da Coleção XVI Encontro Nacional ANPOF tem por finalidade oferecer o acesso a parte dos trabalhos apresentados em nosso XVI Encontro Nacional, realizado em Campos do Jordão entre 27 e 31 de outubro de 2014. Historicamente, os encontros da ANPOF costumam reunir parte expressiva da comunidade de pesquisadores em filosofia do país; somente em sua última edição, foi registrada a participação de mais de 2300 pesquisadores, dentre eles cerca de 70% dos docentes credenciados em Programas de Pós-Graduação. Em decorrência deste perfil plural e vigoroso, tem-se possibilitado um acompanhamento contínuo do perfil da pesquisa e da produção em filosofia no Brasil.

As publicações da ANPOF, que tiveram início em 2013, por ocasião do XV Encontro Nacional, garantem o registro de parte dos trabalhos apresentados por meio de conferências e grupos de trabalho, e promovem a ampliação do diálogo entre pesquisadores do país, processo este que tem sido repetidamente apontado como condição ao aprimoramento da produção acadêmica brasileira.

É importante ressaltar que o processo de avaliação das produções publicadas nesses volumes se estruturou em duas etapas. Em primeiro lugar, foi realizada a avaliação dos trabalhos submetidos ao XVI Encontro Nacional da ANPOF, por meio de seu Comitê Científico, composto pelos Coordenadores de GTs e de Programas de Pós-Graduação filiados, e pela diretoria da ANPOF. Após o término do evento, procedeu-se uma nova chamada de trabalhos, restrita aos pesquisadores que efetivamente se apresentaram no encontro. Nesta etapa, os textos foram avaliados pelo Comitê Científico da Coleção ANPOF XVI Encontro Nacional. Os trabalhos aqui publicados foram aprovados nessas duas etapas. A revisão final dos textos foi de responsabilidade dos autores.

A Coleção se estrutura em volumes temáticos que contaram, em sua organização, com a colaboração dos Coordenadores de GTs que participaram da avaliação dos trabalhos publicados. A organização temática não tinha por objetivo agregar os trabalhos dos diferentes GTs. Esses trabalhos foram mantidos juntos sempre que possível, mas com frequência privilegiou-se evitar a fragmentação das publicações e garantir ao leitor um material com uma unidade mais clara e relevante.

Esse trabalho não teria sido possível sem a contínua e qualificada colaboração dos Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Filosofia, dos Coordenadores de GTs e da equipe de apoio da ANPOF, em particular de Fernando L. de Aquino e de Daniela Gonçalves, a quem reiteramos nosso reconhecimento e agradecimento.

Diretoria da ANPOF

Títulos da Coleção ANPOF XVI Encontro

Estética e Arte

Ética e Filosofia Política

Ética e Política Contemporânea

Fenomenologia, Religião e Psicanálise

Filosofia da Ciência e da Natureza

Filosofia da Linguagem e da Lógica

Filosofia do Renascimento e Século XVII

Filosofia do Século XVIII

Filosofia e Ensinar Filosofia

Filosofia Francesa Contemporânea

Filosofia Grega e Helenística

Filosofia Medieval

Filosofia Política Contemporânea

Filosofias da Diferença

Hegel

Heidegger

Justiça e Direito

Kant

Marx e Marxismo

Nietzsche

Platão

Pragmatismo, Filosofia Analítica e Filosofia da Mente

Temas de Filosofia

Teoria Crítica

Sumário

A alma e suas faculdades: uma hipótese sobre o uso dos termos em Agostinho <i>Ricardo Pereira Santos Lima</i>	11
A Construção de uma Teologia Política na Idade Média a dos escritos do Pseudo-Dionísio, o Areopagita <i>Gerson Leite de Moraes</i>	20
Elementos Cinéticos do Conceito Agostiniano de Pecado <i>Maurizio Filippo Di Silva</i>	29
O significado da mente em Santo Agostinho <i>Sérgio Ricardo Strefling</i>	40
Sobre o ser e a essência em Agostinho <i>Luiz Marcos da Silva Filho</i>	50
Verdade e falsidade das ficções a partir de <i>Solilóquios</i> de Agostinho <i>Daniel Fujisaka</i>	59
Liberdade e Graça em Santo Agostinho <i>Flavia Formaggio de Lara Azevedo</i>	85
Vontade segundo a obra <i>o livre-arbítrio de Santo Agostinho</i> <i>Dinno Composilvan Zanella</i>	97
Ordem e beleza do universo na estética filosófico-religiosa de Santo Agostinho <i>Marcos Roberto Nunes Costa</i>	108
A simetria na estética cosmológica de Santo Agostinho <i>Ricardo Evangelista Brandão</i> <i>Marcos Roberto Nunes Costa</i>	118
Considerações sobre problemas éticos em Pedro Abelardo: <i>Comentários à Epístola de Paulo aos Romanos e a Ética</i> <i>Pedro Rodolfo Fernandes da Silva</i>	129
As Sumas de Tomás de Aquino no Período Medieval <i>Camila de Souza Ezídio</i>	143

Houve uma evolução do conceito de virtude em Tomás de Aquino? A proposta de Giuseppe Abbà <i>Renato José de Moraes</i>	153
O mistério do mal na <i>Suma de Teologia</i> de Tomás de Aquino (<i>Prima pars</i> , questões 48 e 49) <i>Rodrigo Aparecido de Godoi</i>	165
O ser incausado e a regressão ao infinito: <i>um estudo baseado nas cinco vias de Tomás de Aquino</i> <i>Fábio Gai Pereira</i>	182
Razão e paixão em Tomás de Aquino. A afetividade na Iª parte da <i>Suma de Teologia</i> <i>Paulo Ricardo Martines</i>	194
Tomás de Aquino e o problema do Mênon: leitura comparada a partir do comentário aos Segundos Analíticos, de Aristóteles (<i>Expositio Libri Posteriorum</i>) <i>Anselmo Tadeu Ferreira</i>	204
A noção de intelecto na doutrina dos transcendentais de Tomás de Aquino <i>Matheus Barreto Pazos de Oliveira</i>	213
O problema da natureza comum em Tomás de Aquino <i>Antonio Janunzi Neto</i>	226
Tomás e o problema do movimento elementar: notas sobre <i>In Physica</i> , II, 1, n. 3, 1-8. <i>Evaniel Brás dos Santos</i>	243
A criação na ética de Tomás de Aquino <i>Bernardo Veiga de Oliveira Alves</i>	261
O princípio de individuação na filosofia de João Duns Scotus <i>Thiago Soares Leite</i>	280
A <i>Logica Modernorum</i> na <i>Summulae Logicales</i> de Pedro Hispano <i>Jerônimo José de Oliveira</i>	291
A <i>suppositio</i> como <i>proprietate terminorum</i> em Guilherme de Shyreswood, Pedro Hispano e Guilherme de Ockham <i>Laiza Rodrigues de Souza</i>	299
Meister Eckhart e a imagem sem imagem <i>Matteo Raschiatti</i>	313

“Entendo por ‘céu’ a ciência e por ‘céus’ as ciências”: as <i>sete Artes Liberais</i> no “ <i>Convívio</i> ” (c. 1304-1307) de Dante Alighieri <i>Ricardo Luiz Silveira da Costa</i>	333
A filosofia da economia no pensamento barroca latinoamericano <i>Alfredo Culleton</i>	356
O direito das gentes em Francisco de Vitoria <i>Fernando Rodrigues Montes D’Oca</i>	375
‘Res a reor reris’ e ‘res a ratitudine’ na metafísica de Henrique de Gand <i>Gustavo Barreto Vilhena de Paiva</i>	392
Termos Categoremáticos e Sincategoremáticos: distinção terminista e eliminação ontológica <i>Rafael Antonio dos Santos Sandoval</i>	418
Os falasifa e a eternidade do mundo <i>Evandro Santana Pereira</i>	428

Entendo por ‘céu’ a ciência e por ‘céus’ as ciências”: as Sete *Artes Liberais* no *Convívio* (c.1304-1307) de Dante Alighieri

Ricardo Luiz Silveira da Costa
Universidade Federal do Espírito Santo

Dentre todas as bestialidades, é estultíssima, vilíssima e perniciosíssima aquela que crê não haver outra vida depois desta. Caso revolvamos os escritos, tanto dos filósofos como dos outros sábios escritores, veremos que todos concordam que existe em nós uma parte imortal. Isso maximamente parece querer Aristóteles no livro *De Anima*; isto parece querer cada estoico; isto parece querer Túlio [Cícero], especialmente no livro *De Senectute*; isto parece querer todo poeta que falou de acordo com a fé dos pagãos; isto quer cada Lei, dos judeus, dos sarracenos, dos tártaros, e quaisquer outros que vivem segundo alguma razão. Caso todos estivessem enganados, seguir-se-ia uma impossibilidade que só o dizê-la seria horrível (*Convívio*, II, 8, 9-10).¹

¹ 8. Dico che intra tutte le bestialitati quella è stoltissima, vilissima e dannosissima, chi crede dopo questa vita non essere altra vita; però che, se noi rivolgiamo tutte le scritture, sì de’ filosofi come de li altri savi scrittori, tutti concordano in questo, che in noi sia parte alcuna perpetuale. 9. E questo massimamente par volere Aristotile in quello de l’Anima; questo par volere massimamente ciascuno Stoico; questo par volere Tullio, spezialmente in quello libello de la Vegliezza; questo par volere ciascuno poeta che secondo la fede de’ Gentili hanno parlato; questo vuole ciascuna legge, Giudei, Saracini, Tartari, e qualunque altri vivono secondo alcuna ragione. 10. Che se tutti fossero ingannati, seguiterebbe una impossibilitade, che pure a ritraere sarebbe orribile. *Convívio* (1304-1307), Livro II, VIII, 8-10. *Internet*.

Imagem 1



A glória do Senhor, que tudo move / no Universo difunde-se e esplandece / onde mais, onde menos se comprove (*La gloria di colui che tutto move / per l'universo penetra, e risplende / in una parte piú e meno altrove*).² Detalhe de uma iluminura de uma cópia genovesa (séc. XIV) da *Divina Comédia* de Dante (Norfolk, Holkham Hall, MS. 514), *folio* 113. Dante ascende à Luz divina pelas mãos de sua amada Beatriz.

I. A FILOSOFIA TRADICIONAL: O AMOR, AS SUBSTÂNCIAS SEPARADAS E O MOVIMENTO DOS ASTROS

Antes de colocar-se como filósofo, o poeta. No mundo da *Filosofia tradicional*, a Poesia era uma das formas possíveis de se expressar filosoficamente.³ Por isso, logo no início do *Convívio* (c. 134-1307), após sugerir ao leitor que a melhor maneira de explicar o conteúdo de sua obra era utilizar as interpretações *literal* e *alegórica* (as duas primeiras que o estudo gramatical na Idade Média requeria – as outras duas eram a *moral* e a *anagógica*), Dante apresenta uma canção, *Voi che 'ntendendo il terzo ciel movete*. Nela, se dirige às inteligências que movem o terceiro céu de

² DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia*. Paraíso (trad. e notas de Italo Eugenio Mauro). São Paulo: Ed. 34, 1998, Canto I, 1-3, p. 13.

³ “Toda a Antiguidade vê nos poetas sábios, mestres, educadores (...) O encantamento pode estar no sentido figurado: a palavra denota o mais puro efeito de toda a poesia e indica uma verdade vigente e intemporal, que transcende todo o conceito pedagógico da poesia”. CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996, p. 263.

sua *Cosmologia* (κοσμολογία, literalmente, o estudo da ordem do mundo), com a alma chorosa e o coração magoado, mas papitante, com a suavidade de sua vida interior.⁴ Trata-se de um lamento, uma fratura existencial, um diálogo em que manifesta seu maravilhamento por estar dividido entre a visão de sua nova paixão, uma gentil dama, e a memória de sua amada Beatriz, falecida, que se encontra no céu coroado.

Essas inteligências, substâncias separadas da matéria, são os anjos, impulsionadores da revolução dos céus, do céu de Vênus⁵, o terceiro céu de sua estrutura celeste, céu das almas dos amantes, daqueles apaixonados que conduziram seus afetos de modo ordenado, ainda que pouco temperantes.⁶

Vênus era então um *topos* mitológico, literário e filosófico muito recorrente entre os escritores e pensadores. Além de deusa olímpica, era (é) um planeta. Consequentemente, era fonte de influência do comportamento humano. Quando um poeta minimamente conhecedor da Filosofia escrevia sobre o Amor, sabia que personificava um acidente do ente, embora em relação a Vênus não tivesse tanta certeza. Seja como for, o leitmotiv da descrição dantesca do terceiro céu é o angustiante e íntimo dilema da traição ao amor falecido pela donna gentile, conflito emocional que poucos são capazes de entender. Por isso, Dante dirige seu apelo ao céu de Vênus. A citação da deusa greco-romana do amor era muito recorrente na Idade Média. Por exemplo, na primeira parte de *O Romance da Rosa* (c. 1225), uma das obras mais lidas entre os séculos XIII e XV⁷, Vênus é o apetite sexual, força geradora da natureza que poderia ser contemplada filosoficamente.⁸

⁴ Para a discussão sobre a *Canzone Prima* do *Convívio*, ver PAZZAGLIA, Mario. "Voi che 'ntendendo il terzo ciel movete". *Treccani.it. L'Enciclopedia italiana*.

⁵ A palavra *Revolução*, inexistente em qualquer documento medieval sobre a sociedade civil, estava bastante presente nos tratados celestes, sempre com o sentido de *movimento dos astros*. A revolução do espetáculo dos planetas traduzia o movimento da ordem harmônica celeste. Para isso, ver DOMINIQUE IOGNA-PRAT. "Ordem". In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval II*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 305-319.

⁶ Na *Divina Comédia*, Dante encontra no terceiro céu os beatos Carlos Martel de Anjou-Sicília (1271-1295), a nobre Cunizza da Romano (n. 1198), o bispo e trovador Folquet de Marsella (c. 1155-1231) e Raabe, prostituta de Jericó (que, posteriormente, teria se convertido e se casado com Salmon, personagem da árvore genealógica de Jesus Cristo).

⁷ "Por cerca de dois séculos essa obra de Guillaume de Lorris e de Jean Clopinel [ou Chopinel] de Meun, iniciada antes de 1240 e concluída antes de 1280, não só dominou totalmente as configurações do amor aristocrático como também, dada a riqueza de suas digressões enciclopédicas em todas as áreas possíveis, foi o tesouro de onde as pessoas cultas extraíam os elementos mais vivos para a sua erudição" – HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naif, 2010, p. 178.

⁸ Ver LEWIS, C. S. *Alegoria do Amor. Um Estudo da Tradição Medieval*. São Paulo: É Realizações, 2012, p. 130.

Por sua vez, a consideração metafísica-filosófica da existência de inteligências a moverem o universo não era nova, nem uma criação cristã. O problema, espinhoso, sempre fora o da *origem do movimento*. Na obra *Do Céu* (350 a. C.), Aristóteles (384-322 a. C.) discorrera de modo bastante aprofundado sobre *aforma esférica do Céu*, a *circularidade do movimento celeste* e o fato de a atividade imortal de Deus (θεός) ocorrer em um *corpo circular* – tudo alicerçado no estudo filosófico do movimento.⁹ Já em sua *Metafísica*, o Estagirita deduzira, “...com base em pesquisas da ciência matemática mais afim à Filosofia, ou seja, a Astronomia”¹⁰ a existência de cinquenta e cinco inteligências a moverem os “movimentos eternos de translação” dos corpos celestes.¹¹ Não foi difícil aos pensadores medievais retraduzirem as substâncias aristotélicas supra-sensíveis e moventes das esferas celestes nos *anjós*.

⁹ “A atividade de Deus é imortalidade, ou seja, vida eterna. A consequência necessária é o movimento divino ser eterno. E, visto ser essa a natureza do céu (um corpo divino), por isso a ele é conferido um corpo circular, o qual naturalmente move-se sempre num círculo (...) O CÉU necessariamente possui a forma esférica. Trata-se do mais apropriado à sua substância, além dessa forma ser primária na natureza (...) o movimento circular mais exterior do céu é simples e o mais célere de todos, e o das outras esferas mais lento e composto (considerando-se que cada uma realiza seu próprio movimento circular contrariando o movimento do céu; assim, é razoável que [o astro] que se apresenta como o mais próximo do movimento circular simples e primário leve mais tempo para percorrer sua própria órbita, enquanto [o astro] situado mais remotamente leva menos tempo”. ARISTÓTELES. *Do céu* (tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini). São Paulo: Edipro, 2014, Livro II, 3, 9-10; 4, 10-12; 10, 35 291b1, 8., p. 107, 109 e 124.

¹⁰ “O Princípio e o primeiro dos seres é imóvel, tanto absolutamente como relativamente, e produz o movimento primeiro, eterno e único. E como é necessário que o que é movido seja movido por algo, e que o Movente primeiro seja essencialmente imóvel, e que o movimento eterno seja produzido por um ser eterno e que o movimento único seja produzido por um ser único (...) há também outros movimentos eternos de translação, ou seja, o dos planetas (...) é necessário que também cada um desses movimentos seja produzido por uma substância imóvel e eterna (...). Portanto, é evidente que deverão existir necessariamente outras substâncias e que deverão ser eternas por sua natureza”, ARISTÓTELES. *Metafísica* (ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale). São Paulo: Edições Loyola, 2005, vol. II (Livro Décimo-segundo, 8, 1073b, 3-5), p. 569.

¹¹ ARISTÓTELES. *Metafísica, op. cit.*, vol. II (Livro Décimo-segundo, 8, 1074a, 12), p. 573.

Imagem 2



Diagrama cosmológico com o cálculo das distâncias na esfera sublunar (as linhas brancas horizontais que cortam a Terra) e dois anjos nas extremidades do mundo sublunar a girar as manivelas e assim impulsionarem o movimento da Lua. Matfré Ermengau de Béziers, *Breviari d'Amour*, Catalunha (séc. XIV). Yates Thompson 31, f. 45. British Library, *Catalogue of illuminated manuscripts*.

II. Os Céus, o *EMPÍREO* E A ORDEM DA HIERARQUIA

Antes de tratar dos anjos que movem os céus, Dante rememora criticamente as considerações de Aristóteles e Ptolomeu (90-168) sobre o número e a posição dos céus. O Estagirita defendeu a existência de oito céus, com o último a conter todos os demais, além das estrelas fixas. Por sua vez, o florentino aceita os argumentos de Ptolomeu, tanto por sua capacidade de observação (com *Perspectiva, Aritméticae Geometria*) quanto por seu *constrangimento pelos princípios da filosofia* aplicados ao assunto. Por isso, assim define a ordem dos céus:

- 1) Lua;
- 2) Mercúrio;
- 3) Vênus;
- 4) Sol;
- 5) Marte;
- 6) Júpiter;
- 7) Saturno;
- 8) Céu das estrelas
- 9) Cristalino – céu diáfano, de vários movimentos, e
- 10) *Empíreo* (o “céu dos católicos”) – céu de fogo, luminoso, imóvel, céu do *Primeiro Motor aristotélico*¹²

¹² O “ὁ οὐ κινούμενον κινεῖ”, “o que se move sem ser movido” – Aristóteles, *Metafísica*, XII, 1072a.

Imagem 3



Nicole Oresme (c. 1323-1372), *Le livre du Ciel et du Monde* (1377). Paris, BnF, Manuscrits, Fr. 565, folio69r. Ainda que Oresme tenha proposto que a Terra se movia (ideia contrária à tradição cosmológica aristotélica/ptolomaica) e os corpos celestes é que estavam estáticos, manteve a estrutura e a ordem das esferas, como se vê no detalhe acima da iluminura do folio 69 de sua obra. De baixo para cima: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, o Céu das estrelas e o Cristalino/Empíreo (representado com Deus iluminado que abençoa Sua criação com a mão direita. Em Sua mão esquerda, Ele porta um globo dourado).

O acréscimo do *Empíreo* (ἔμπευρος) foi a contribuição da cosmologia cristã à *estrutura do mundo* clássica ou, em outras palavras, a personificação textual do *espaço etéreo* da substância supra-sensível, imóvel e eterna, movente do universo, cuja substância é o próprio ato: *Deus*. Por

mover como o que é amado¹³, Ele faz o *Empíreo* girar com tanto desejo que sua velocidade é quase incompreensível:

9. E questo è cagione al Primo Mobile per avere velocissimo movimento; chè per lo ferventissimo appetito ch'è in ciascuna parte di quello nono cielo, che è immediato a quello, d'essere congiunta con ciascuna parte di quello divinissimo ciel quieto, in quello si rivolve con tanto desiderio, che la sua velocidade è quasi incomprendibile. 10. E quieto e pacifico è lo luogo di quella somma Deidade che sola [sè] compiutamente vede. Questo loco è di spiriti beati, secondo che la Santa Chiesa vuole, che non può dire menzogna; e Aristotile pare ciò sentire, a chi bene lo 'ntende, nel primo *De Caelo et Mundo*.¹⁴

E este é o motivo de ter o Primeiro Motor velocíssimo movimento; que, pelo ferventíssimo apetite que sente cada uma das partes daquele nono céu, que lhe é imediato, de se unir com cada parte daquele diviníssimo céu quieto, nele gira com tanto desejo que a sua velocidade é quase incompreensível. E quieto e pacífico é o lugar daquela suma Divindade que é a única que a si plenamente se contempla. Este lugar é o dos espíritos beatos, consoante quer a Santa Igreja, que não pode mentir; e Aristóteles parece perceber isso, para quem bem o entende, no primeiro livro do *De Caelo et Mundo* (*Convívio*, II, 3, 9-10).

Dante considerava o *Empíreo* a própria *estrutura do mundo*. Mas não se trata de um lugar físico, ressalta, pois foi constituído na *Mente Primeva* (que os gregos chamavam *Protonoè*).¹⁵ Lugar etéreo de Deus e dos espíritos beatos (sumamente felizes) Trata-se, quase literalmente, de uma releitura filosófico-literária cristã (com comentários e correções, como vimos) da cosmologia aristotélica/ptolomaica!

¹³ “Portanto, [o primeiro movente] move como o que é amado” ARISTÓTELES, *Metafísica*, op. cit., vol. II (Livro Décimo-segundo, 7, 1072b), p. 563.

¹⁴ *Convívio/Trattato secondo*. Internet.

¹⁵ Ver BAROLINI, Teodolinda. “Ulysses”. In: *The Dante Encyclopedia* (ed. Richard Lansing). Garland, 2000, p. 842.

Imagem 4



Deus no Empíreo a abençoar o cosmo. Abaixo, o céu das estrelas, o de Saturno e o de Júpiter. Detalhe do folio 69r de *Le livre du Ciel et du Monde* (1377) de Nicole Oresme (c. 1323-1372). Paris, BnF, Manuscrits, Fr. 565.

A seguir, antes de discorrer sobre o que a *gente vulgar* nomeia *anjos*, Dante rememora criticamente as considerações de Aristóteles e Platão (c. 428-328 a. C.) sobre o tema, método realizado pelo próprio Aristóteles com seus antecessores (tanto na *Metafísica* quanto em *Do Céu*). A leitura que o florentino faz do Estagirita é correta: na *Metafísica*, Aristóteles defende que as inteligências são tantas quantos os movimentos dos céus (e no *Do Céu* parece considerar de outro modo); por sua vez, tanto Platão, *varão excelentíssimo*, quanto outros filósofos, defenderam que há tantas inteligências não só quanto os movimentos dos céus, mas também em relação às espécies das coisas. Platão chamou-as de *Ideias*, isto é, *formas e naturezas universais* (Livro II, IV).

Ninguém duvida – nem filósofo, nem pagão, nem judeu, nem cristão, nem qualquer seita – que essas inteligências se encontrem

cheias de felicidade, a felicidade eterna e suprema (*beatitudine*). Aristóteles parece que não se opõe a isso, em seu livro X da *Ética*.¹⁶ Por sua vez, a Igreja crê e prega que essas nobilíssimas criaturas, quase inumeráveis, repartem-se em três hierarquias, cada uma com três ordens:

I.

- 1) Anjos
- 2) Arcanjos
- 3) Tronos

II.

- 4) Dominações
- 5) Virtudes
- 6) Principados

III.

- 7) Potestades
- 8) Querubins
- 9) Serafins

O Pai olha a primeira hierarquia, o Filho a segunda, e o Espírito Santo a terceira, diz Dante.

Essa *hierarquia transcendental* fora motivo de uma consideração filosófica influentíssima desde o século V, quando o filósofo Pseudo-Dionísio Areopagita escreveu seu *Corpus Areopagiticum*.¹⁷ A partir de então, esse pensamento, *neoplatônico*, que privilegiava os conceitos de *ordem*, de *harmonia* e de *hierarquia* (aliás, todos gregos¹⁸), moldou

¹⁶ A atividade do intelecto, especulativa, é superior em mérito, não visa a fim algum a não ser o que transcenda a si mesma e é auto-suficiente. Por isso, todos os atributos do indivíduo bem-aventurado são vinculados a essa atividade e, portanto, essa é a felicidade humana suprema. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco* (trad., textos adicionais de notas de Edson Bini). Bauru, SP: EDIPRO, 2007, p. 308, 1177b1 15-27.

¹⁷ *Obras completas del Pseudo Dionisio Areopagita*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1995.

¹⁸ Por exemplo, o conceito de *hierarquia* (ιεραρχία) remonta a Platão – a hierarquia do mundo inteligível, do mundo sensível, e do mundo das ideias – e em Plotino (*Enéadas*, III, 2, 17). A *harmonia* (αρμονία), qualidade de ordem e organização inerente ao cosmos, é um dos conceitos mais tipicamente gregos. De origem pitagórica, ela tem inúmeras passagens nas obras clássicas. Uma bela digressão encontra-se no *Fédon* (86a-d). Por fim, a definição de *ordem*,

praticamente toda a percepção da realidade, da própria sociedade.¹⁹ O mundo medieval passou a se ver nela refletido.²⁰ Com o peso dessa tradição filosófica, Dante então afirma que *é razoável crer* que haja uma analogia entre o número de céus e a hierarquia celeste: os movedores do céu da Lua são os *Anjos*, os do Mercúrio os *Arcanjos*, os de Vênus os *Tronos*, etc.²¹ Estes, nascidos do amor do Espírito Santo, movimentam o terceiro céu, que é cheio de amor, e fazem com que as almas daqui de baixo sejam amorosamente acesas. Foi por isso que Virgílio (70-19 a. C.) e Ovídio (43 a. C. - 17 d. C.), na *Eneida* e nas *Metamorfoses*, respectivamente, testemunharam em suas percepções do Terceiro Céu.

15. E sono questi Troni, che al governo di questo cielo sono dispensati, in numero non grande, de lo quale per li filosofi e per li astrologi diversamente è sentito, secondo che diversamente sentiro de le sue circolazioni; avvenga che tutti siano accordati in questo, che tanti sono quanti movimenti esso fae.²²

E são estes Tronos, que para o governo deste céu são designados, em número não quantioso, o qual pelos filósofos e pelos astrólogos é diversamente entendido, segundo diversamente entendem dos movimentos dele; inda que todos acordem nisto de que são tantos quantos estes (*Convívio*, II, 5, 14).

disposição das partes, está na *Metafísica*: “Disposição significa o ordenamento das partes de uma coisa: ordenamento segundo o lugar, ou segundo a potência, ou segundo a forma. Impõe-se, com efeito, que exista uma certa posição, como sugere a própria palavra disposição”, *Metafísica*, Livro Quinto, 19, 1022b.

¹⁹ “As ordens e graus daqui abaixo simbolizam as harmoniosas relações do Reino de Deus”. PSEUDO DIONISIO AREOPAGITA. *A Hierarquia Celeste*, I, 3, 124a.

²⁰ IOGNA-PRAT, Dominique. “Ordem”. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (co-ord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval II*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 305-319. “Desde una óptica rudimentariamente sociológica, las sociedades de carácter estamental previas a las revoluciones *burguesas* se sitúan a medio camino entre las sociedades de castas, compuestas por unidades cerradas y endogámicas, y las sociedades de clases marcadas por la permeabilidad entre sus componentes y por una teórica apertura de oportunidades para todos” – MITRE FERNÁNDEZ, Emilio. “Sociedad y Cultura cristianas en el Occidente Altomedieval”. In: MITRE FERNÁNDEZ, Emilio (co-ord.). *Historia del cristianismo. II. El mundo medieval*. Madrid: Editorial Trotta, 2004, p. 97.

²¹ Como defende Aristóteles: as coisas em ato não são iguais entre si, mas o são por analogia. Por isso, “não é necessário buscar definição de tudo, mas é preciso contentar-se com compreender intuitivamente certas coisas mediante a analogia (...) Nem todas as coisas se dizem em ato do mesmo modo, mas só por analogia”. Aristóteles, *Metafísica*, IX, 1048a, 35.

²² *Convívio/Trattato secondo*. Internet.

Não deixa de ser curioso o fato de que, comparado ao que diz o Areopagita, Dante corporifica, ou melhor, traz o céu de Vênus – com a ordem dos Tronos, respectivamente – para o mundo da carne, das paixões, do amor. Senão vejamos o que diz o filósofo do século V:

O nome dos sublimes e excelsíssimos tronos indica que estão muito acima de qualquer deficiência terrena, como se manifesta por sua ascensão até os cumes. Estão sempre distantes de qualquer baixeza e, como entraram inteiramente na vida eterna da presença daquele que realmente é o Altíssimo e estão livres de toda paixão e cuidados materiais, estão sempre prontos para receber a visita da Deidade, já que são portadores de Deus e estão prontos, como servos, para acolhê-Lo e Seus dons.²³

IV. O CÉU DE VÊNUS E AS SETE ARTES LIBERAIS

Imagem 5



Com os Príncipes do céu estamos neste / giro, neste girar, na sede ardente; / aos quais, um dia, no mundo tu disseste: / – Vós, de quem move o céu terceiro a mente – / e temos tanto amor que pra te o dar / uma parada será conveniente (*Noi ci volgiam coi principi*

²³ PSEUDO DIONISIO AREOPAGITA. *A Hierarquia Celeste*, VII, 1, 205d.

*celesti / d'un giro e d'un girate e d'una sete, / ai quali tu del mondo già dicesti: / 'Voi che 'intendendo il terzo ciel movente'; / e sem sí pien d'amor, che, per piacerti, / non fia men dolce un poco di quiete).*²⁴ Detalhe de uma iluminura de uma cópia genovesa (séc. XIV) da *Divina Comédia* de Dante (Norfolk, Holkham Hall, MS. 514), folio 113. À esquerda, Vênus, coroada, que aponta para cima, está acompanhada pelos signos de Touro e de Libra. Entrementes, à direita, Dante e Beatriz conversam animadamente.

Para se consolar da morte de sua amada Beatriz, Dante pôs-se a ler duas obras: *A Consolação da Filosofia*, de Boécio (c. 480-525)²⁵, e *Da Amizade*, de Cícero (106-43 a. C.)²⁶ Assim pôde encontrar remédio para suas lágrimas, entre as palavras daqueles autores, na ciência, nos livros, na Filosofia. Do desconsolo o florentino passou a recitar *Vós que, pensando, o céu terceiro moveis*, e entendeu, graças à Filosofia, os moveedores do terceiro céu.

Dante entende por “céu” a ciência e por “céus” as ciências, por sua ordem e por seu número. Elenca Platão, Avicena (c. 980-1037), Algazel (c. 1058-1111), Aristóteles “e outros peripatéticos” para apresentar as semelhanças entre os céus e as ciências. Assim, alegoricamente, os sete primeiros céus correspondem às sete ciências, às sete artes do *Trivium* e do *Quadrivium*:

- 1) Lua – Gramática;
- 2) Mercúrio – Dialética;
- 3) Vênus – Retórica;
- 4) Sol – Aritmética;
- 5) Marte – Música;
- 6) Júpiter – Geometria;
- 7) Saturno – Astrologia.

²⁴ DANTE ALIGUIERI. *A Divina Comédia. Paraíso* (trad. e notas de Italo Eugenio Mauro). São Paulo: Ed. 34, 1998, Canto VIII, 34-39, p. 58.

²⁵ BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

²⁶ Uma excelente edição, bilingue, é a da Fundació Bernat Metge. CICERÓ. *Leli (De l'amistat)* (introd., text revisat, traducció i notes de Pere Villalba i Varneda). Barcelona: Fundació Bernat Metge, 1999.

Imagem 6



As Sete Artes Liberais. Livro de registro da biblioteca da Universidade de Tübingen (séc. XV). Da esquerda para a direita: Geometria, Lógica, Aritmética, Gramática, Música, Física (ao invés da Astronomia) e Retórica. Abaixo, as analogias com os céus (repare no Sol sob a Gramática, enquanto para Dante deveria ser a Aritmética) e a Lua sob a Retórica (para Dante, seria Vênus).

O oitavo céu, das estrelas, corresponderia à Física (Ciência Natural), o *Cristalino* à Ciência Moral e o *Empíreo* à Teologia. Com as respectivas substâncias separadas a mover as esferas, o sistema alegórico-cosmológico dantesco no *Convivio* é esse:

- 1) Lua – *Gramática* – Anjos;
- 2) Mercúrio – *Dialética* – Arcanjos;
- 3) Vênus – *Retórica* – Tronos;
- 4) Sol – *Aritmética* – Dominações;
- 5) Marte – *Música* – Virtudes;
- 6) Júpiter – *Geometria* – Principados;
- 7) Saturno – *Astrologia* – Potestades;
- 8) Céu das estrelas – Querubins;
- 9) Cristalino – Serafins, e
- 10) Empíreo – Deus e os espíritos beatos.

Para cada Céu, Dante estabelece duas propriedades analógicas com as *Artes Liberais*. O *Trivium* está relacionado aos três primeiros céus, mais próximos da Terra. A **Lua e a Gramática** são semelhantes pela escassa densidade e a variação da luminosidade (os raios da razão não penetram inteiramente na Gramática, e seus vocábulos vêm e vão conforme a luz da Lua); o **Mercúrio e a Dialética** se relacionam pela pequenez e por sua cobertura. Mercúrio é a menor das estrelas, e a mais velada aos raios solares; como essa pequena estrela, a Dialética é a arte com menor extensão de todas e a mais velada, já que atua com argumentos sofisticados (para Dante, inseguros).

Por sua vez, **Vênus e a Retórica** compartilham as belas virtudes da *clareza* e da *suavidade*:

13. E lo cielo di Venere si può comparare a la Rettorica per due proprietadi: l'una sì è la chiarezza del suo aspetto, che è soavissima a vedere più che altra stella; l'altra sì è la sua apparenza, or da mane or da sera. 14. E queste due proprietadi sono ne la Rettorica: chè la Rettorica è soavissima di tutte le altre scienze, però che a ciò principalmente intende; e appare da mane, quando dinanzi al viso de l'uditore lo rettorico parla, appare da sera, cioè retro, quando da lettera, per la parte remota, si parla per lo rettorico.²⁷

²⁷ *Convivio/Trattato secondo. Internet.*

O céu de Vênus se pode comparar à Retórica por duas propriedades: uma é a de que é tanta a clareza do seu rosto que, mais do que as outras estrelas, é suavíssima de ver; a outra é que aparece ora de manhã ora de tarde. E estas duas propriedades estão na Retórica: pois que a Retórica é suavíssima entre todas as ciências, por isso que a isto principalmente aspira; e aparece de manhã, quando diante do ouvinte fala o retórico, aparecendo de tarde, isto é, por detrás, quando por carta, para a parte remota, se fala para o retórico (*Convívio*, II, 13, 13-14).

A seguir, o *Quadrivium*. A **Aritmética e o Sol** se relacionam porque todas as outras estrelas recebem a luz solar e o olho não pode fitá-lo. Do mesmo modo, da Aritmética todas as artes recebem, de algum modo, relações numéricas, e o olho não pode abarcar o número porque, *em si considerado, é infinito, eisso é incompreensível*.²⁸

Marte e a Música se harmonizam pela bela relação com os demais céus, por Marte estar no meio, no quinto (ou, em termos musicais, por ser a *quinta* [Dó/Sol], harmonia perfeita) e por queimar as coisas com seu calor. Como ele, a Música é inteiramente *relacional*, na harmonia das palavras, nos cantos, das notas, e sua melodia incendeia os espíritos humanos (que são como *vapores do coração*).

Júpiter e a Geometria se coadunam por serem *temperados e argênteos*. Júpiter se move entre dois céus opostos à sua temperatura, Marte (quente) e Saturno (frio), de acordo com Ptolomeu. Ademais, dentre *asestrelas brancas*, Júpiter se destaca, pois é quase argênteo. O mesmo ocorre com a Geometria, pois tem *oponto* como princípio, e se move entre o ponto e o círculo, entre o princípio e o fim. É alvíssima por não ter mancha de erro: é *certíssima*. Sua flâmula, a *Perspectiva*, a comprova.

Por fim, **Saturno e a Astrologia**. O céu de Saturno tem duas propriedades comparadas à Astrologia: a lentidão dos movimentos pelos doze signos e o fato de superar todos os outros planetas. Segundo Dante, Saturno leva vinte e oito anos para percorrer os doze signos.

²⁸ Passagem em que Dante mostra sua simpatia pelo *Pitagorismo* (chega, inclusive, a citar Pitágoras nominalmente, “conforme o que diz Aristóteles no primeiro livro da *Física*, punha como princípio das coisas naturais o par e o ímpar, concebendo todas as coisas como número”, *Convívio*, II, 13, 18).

Imagem 7

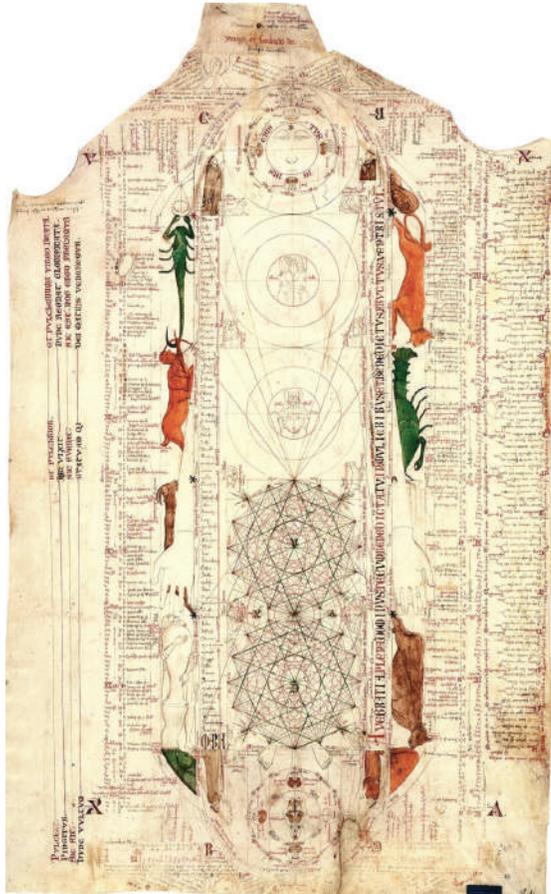


Diagrama com os símbolos zodiacais (c. 1335-1350, Avinhão, França) de Opicinus de Canistris (1296-c. 1354). Biblioteca Apostolica Vaticana, Vatican City, Pal. Lat. 1993, folio 24r. *Internet*. Este coloridíssimo e complexo fólio feito pouco após a morte de Dante (e, por isso, um bom exemplo do ambiente intelectual de seu tempo) concatena uma vasta quantidade de informações, muito mais do que qualquer um dos outros desenhos de Opicinus, conhecido padre, escritor, místico e cartógrafo de seu tempo. O Diagrama inclui mais de vinte tipos de conteúdos, incluindo os profetas bíblicos, símbolos do Zodíaco, doutores da Igreja, quatro ordens monásticas, os meses e dias, um mapa mundi implícito, a genealogia de

Maria, personificações da Igreja, os dons do Espírito Santo, os quatro tipos de exegese bíblica, os quatro Evangelistas, os apóstolos e os nomes das cartas de Paulo, o que exige intensa meditação e exegese. Ele fez uso da tradição medieval de diagramas para investigar as conexões entre o cósmico, o terrestre e o corpóreo.

Como Saturno, a Astrologia requer, como a lentidão do astro, muitos anos para que seja aprendida, tanto pelas demonstrações quanto pela experiência que se exige para um bom juízo astrológico.²⁹ Ademais, ela é altíssima entre todas as demais artes – e, como diz Aristóteles em seu tratado *De Anima*, a ciência é elevada pela nobreza de seu objeto³⁰. Por isso, a Astrologia, mais do que qualquer outra, por estudar o movimento do Céu, é nobre, alta e perfeita, pois trata do que é consequência do *princípio*, que é perfeitíssimo e reguladíssimo. Consequentemente, não se admite falha nela. Qualquer erro, deve-se atribuir à negligência do astrólogo, não à Astrologia.

²⁹ Curiosamente, o filósofo Ramon Llull desaconselha o estudo da *Astrologia* a seu filho Domingos exatamente pela dificuldade e incerteza dessa ciência: “9. Amável filho, não te aconselho que aprendas essa arte, pois exige um esforço muito grande e facilmente se pode errar. É perigosa, pois os homens que a conhecem melhor usam-na mal, porque, pelo poder dos corpos celestiais desconhecem e menosprezam o poder e a bondade de Deus”. RAMON LLULL. *Doutrina para crianças* (c. 1274-1276) (trad.: Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas *Medievais da UFES III*). Alicante: IVITRA, 2010, cap. LXXIV, 9, p. 63.

³⁰ “O saber é uma das coisas mais valiosas e dignas de estima, e certos saberes são superiores a outros bens por seu rigor e por ocuparem-se de objetos maiores e mais admiráveis...”. ARISTÓTELES. *Acerca del alma* (pres. y trad. de Tomás Calvo Martínez). Madrid: Editorial Gredos, 2010, Livro I, cap. 1, 402a, p. 37.

Imagem 8



Rothschild Canticles: as Sete Artes Liberais (da esquerda para a direita, de cima para baixo: Gramática, Astronomia, Aritmética e Geometria), folio 6v, França (sécs. XIII-XIV), Yale University, Beinecke Rare Book and Manuscript Library. Enquanto a Gramática surra um aluno, para o delírio da classe de crianças, a Astronomia aponta para o céu (com o Sol, a Lua e as estrelas em meio a um etéreo fundo rosa), a Aritmética conta moedas (ofício prático *par excellence*) e a Geometria, com um compasso, calcula a esfericidade do mundo, como Deus ao criá-lo.

CONCLUSÃO

Imagem 9



Prestes a ascenderem ao *Empíreo*, Dante e Beatriz (à esquerda) param para contemplar o espetáculo dos planetas, a *revolução das sete esferas celestes* (de baixo para cima, da Lua até Saturno). Na extrema esquerda, o signo de Gêmeos. A seguir, à direita, o casal se prepara para continuar sua maravilhosa viagem rumo a Deus. Detalhe de uma iluminura de uma cópia genovesa (séc. XIV) da *Divina Comédia* de Dante (Norfolk, Holkham Hall, MS. 514), *folio* 141.

10. Poi nel quarto verso, dove dice: uno spiritel d'amore, s'intende uno pensiero che nasce del mio studio. Onde è da sapere che per amore, in questa allegoria, sempre s'intende esso studio, lo quale è applicazione de l'animo innamorato de la cosa a quella cosa. (...)

12. Tutto l'altro che segue poi di questa canzone, sufficientemente è per l'altra esposizione manifesto. E così, in fine di questo secondo trattato, dico e affermo che la donna di cu' io innamorai appresso lo primo amore fu la bellissima e onestissima figlia de lo Imperadore de lo universo, a la quale Pittagora pose nome Filosofia.³¹

³¹ *Convivio/Trattato secondo. Internet.*

Depois, no quarto verso, onde se diz: um *espírito de amor*, entende-se um pensamento que nasce do meu estudo. De onde é de saber que por amor, nesta alegoria, sempre se entende o estudo, que é a aplicação do ânimo enamorado de uma coisa a essa coisa. (...)

Tudo o mais que segue depois desta canção é pela outra exposição suficientemente manifesto. E assim, no fim deste segundo tratado, digo e afirmo que a dama de quem me enamorei após o primeiro amor foi a belíssima e honestíssima filha do Imperador do universo, à qual Pitágoras pôs o nome de Filosofia (*Convívio*, II, 13, 10-12).

Como os antigos, os medievais não renunciaram à Poesia para tratar da Ciência, da Filosofia. Por isso, a alegoria tornou-se a base de interpretação de qualquer texto.³² A Poesia era identificada com a *Sapientia* e a *Philosophia*. Por esse motivo é que Dante define a alegoria e a utiliza para tratar filosoficamente o tema das *Artes Liberais* nos céus da Astrologia.

As esferas de conhecimento estavam imbricadas, interligadas na concepção totalizante do saber. Essa ordem do mundo pressupunha uma conexão causal dos acontecimentos e fenômenos³³ A Filosofia era, desde a herança greco-romana, transmitida por vários autores como *amor à Sabedoria*, conhecimento que deveria ser procurado como o fizeram os discípulos de Platão. Dante, nesse sentido, é um dos últimos expoentes da Tradição que, na Idade Média, mesclava Platão e Aristóteles indistintamente, ou melhor, apresentava temas aristotélicos com viés cristianizante, em um pano de fundo platônico-agostiniano. As sete *Artes Liberais*, filhas da Razão, foram por Dante projetadas nas estrelas porque o Amor que as movia era, para o *poeta-filósofo*, o mesmo amor serenamente conduzido pela gentilíssima dama chamada *Filosofia*, jovem "cheia de doçura, ornada de honestidade, admirável

³² "No fim da Antiguidade a alegoria adquire novo poder sobre os espíritos, e o judeu helenizado Filon aplica-o ao Antigo Testamento. Desse alegorismo bíblico judaico procede o alegorismo cristão dos Padres da Igreja. O paganismo agonizante estendeu também a Virgílio a explicação alegórica (Macróbio). O alegorismo bíblico e o virgiliano confluem na Idade Média; daí a alegoria tornar-se, geralmente, a base de qualquer interpretação de texto. Aqui está a raiz de tudo o que se pode denominar alegorismo medieval". CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina, op. cit.*, p. 265.

³³ Como a teoria agostiniana da *Ordem*. Ver "Introducción". In: *Obras Completas de San Agustin I. Escritos filosóficos (1ª)*. Madrid: BAC, MCMXCIV, p. 590.

por seu saber e gloriosa por sua liberdade” (*Convívio*, II, 15, 2). Por isso era mister considerar o que existia na ordem dos céus e o que existe na das ciências. Afinal, quem quisesse ver a salvação, além de meditar e especular as correlações entre os mundos, deveria fitar os olhos da Filosofia, perscrutá-los, pois assim teria sua alma enamorada e liberta das contradições do instável e perecível mundo supra-lunar.

FONTES

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco* (trad., textos adicionais de notas de Edson Bini). Bauru, SP: EDIPRO, 2007.

ARISTÓTELES. *Metafísica* (ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale). São Paulo: Edições Loyola, 2005. 03 volumes.

ARISTÓTELES. *Acerca del alma* (pres. y trad. de Tomás Calvo Martínez). Madrid: Editorial Gredos, 2010.

ARISTÓTELES. *Do céu* (tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini). São Paulo: Edipro, 2014.

BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CICERÓ. *Leli (De l'amistat)* (introd., text revisat, traducció i notes de Pere Villalba i Varneda). Barcelona: Fundació Bernat Metge, 1999.

DANTE ALIGUIERI. *A Divina Comédia. Paraíso* (trad. e notas de Italo Eugenio Mauro). São Paulo: Ed. 34, 1998.

DANTE ALIGHIERI. *Convívio* (trad. literal e notas de Carlos Eduardo de Soveral). Lisboa: Guimarães Editores, 1992.

DANTE ALIGHIERI. *Opera Omnia. Convívio*. Edizione di riferimento: *Opere di Dante Alighieri* (a cura di Fredi Chiappelli). Milano: Ugo Mursia Editore, 1978. *Internet*.

Obras completas del Pseudo Dionisio Areopagita. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1995.

Obras Completas de San Agustín I. Escritos filosóficos (1º). Madrid: BAC, MCMXCIV.

RAMON LLULL. *Dotrina para crianças* (c. 1274-1276) (trad.: Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III). Alicante: IVITRA, 2010.

BIBLIOGRAFIA

- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996.
- DOMINIQUE IOGNA-PRAT. "Ordem". In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval II*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 305-319.
- DÍAS ALVA, Blanca Beatriz. *Prolegômenos para um filosofia do amor em Dante Alighieri: um estudo do Convívio*. Campinas: UNICAMP, tese de doutorado, 1999.
- HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naif, 2010.
- IOGNA-PRAT, Dominique. "Ordem". In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval II*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 305-319.
- LEWIS, C. S. *Alegoria do Amor. Um Estudo da Tradição Medieval*. São Paulo: É Realizações, 2012.
- MITRE FERNÁNDEZ, Emilio (coord.). *Historia del cristianismo. II. El mundo medieval*. Madrid: Editorial Trotta, 2004.
- REYNOLDS, Barbara. *Dante. O poeta, o pensador político e o homem*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- RISSET, Jacqueline. "Dante Alighieri (1265-1321)". In: LE GOFF, Jacques. *Homens e Mulheres da Idade Média*. São Paulo: Estação Liberdade, 2013, p. 283-287.
- TERRA, Carlos Alexandre. "Alguns Aspectos da Metodologia Científica do Tratado Aristotélico Sobre o Céu". In: *Cad. Hist. Fil. Ci.* Campinas, Série 3, v. 18, n. 1, p. 85-120, jan.-jun. 2008.
- TROVATO, Mario. "Against Aristotle: Cosmological Vision in Dante's *Convívio*". In: *Essays in Medieval Studies* 20.1 (2003): 31-46.